

Uso de computador na educação gera polêmica entre estudiosos

Cida Tair

SÃO PAULO — A perspectiva parece estimulante a pais, alunos e professores: o senso comum supõe que, aos poucos, nas escolas brasileiras, a tela impessoal do computador tenderá a substituir, com vantagens, a face estática do velho quadro negro. A realidade, no entanto, é outra. Ainda são poucas, escolhíssimas e em geral caras, as escolas que, no Brasil, utilizam a informática em seus cursos regulares. Por outro lado, isso não é tão mau assim: permanece a polêmica sobre o papel do computador na educação moderna.

"Os pais que não podem comprar um computador para seus filhos ou matrículá-los numa escola que faça uso da informática não devem se angustiar nem temer que as crianças fiquem desatualizadas", avisa Nilson José Machado, professor do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada da Faculdade de Educação (FAE), da Universidade de São Paulo (USP). "O micro, instalado e venerado em algumas residências brasileiras, é apenas mais um eletrodoméstico, e deve ser usado como tal", reforça Machado. "É como uma serra elétrica, um farol de trânsito, importante só porque auxilia o homem em seu progresso", concorda Maria Thereza Fraga Rocco, professora de Metodologia da Língua Materna na mesma FAE.

Não há uma rejeição à informática por parte desses professores — que, por sinal, redigem todos os seus trabalhos a mão, e nem sequer aprenderam a datilografar. Ambos concordam que, como recurso auxiliar na educação, o computador é útil e eficiente como o audiovisual, o cinema e a televisão. "O computador realmente não trabalha sozinho, e não deve jamais ser encarado como uma máquina inteligente que ensina uma criança burra", confirma o professor José Armando Valente, coordenador do Núcleo de Informática Aplicada à Educação (Nied), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e que coordena no estado de São Paulo um projeto com alunos de escolas públicas.



É constante por tudo isso, entre os estudiosos do assunto, a convicção de que a criança não deve estabelecer uma relação passiva com o computador. A utilização prática e efetiva dessa máquina só se consolida quando, de alguma forma, o aluno se inteira do que se passa em seus mecanismos. "Aprender a apertar uma tecla não adianta, assim como não ajuda apenas ter decorado que dois mais dois são quatro", compara Nilson José Machado. "É fundamental compreender o significado de cada operação".

Machado se indispõe frontalmente, além de tudo, contra uma idéia difundida com freqüência de que, num futuro próximo, quem não se informatizar ficará para trás. Em artigos freqüentes, publicados em revistas e jornais acadêmicos, ele lembra um erro no qual muitos incorrem num passado recente. O americano Marshall MacLuhan, por exemplo, o badalado teórico das comunicações nos anos 70, previa que, neste final de década, a televisão teria ocupado vantajosamente o lugar do professor no ensino. A figura anacrônica do velho mestre-escola falando para 50 alunos, na visão de MacLuhan, cederia lugar à televisão que, via satélite, agruparia 50 milhões de pessoas numa aula.

A TV como solução para os pro-

blemas da educação, no entanto, revelou-se um fracasso. "É um veículo poderoso, mas limitado", diz a pedagoga Célia Marques, chefe da consultoria de educação da Fundação Padre Anchieta, que controla a TV Cultura em São Paulo, uma emissora que — depois de produzir uma longa série de telecursos de primeiro e segundo grau — constatou a inadequação desse veículo para a solução dos problemas da educação formal no Brasil. "Pela televisão, o professor não dialoga com o aluno e a conversa é fundamental no avanço do conhecimento", exemplifica Célia. Mesmo a intenção de difundir o ensino entre dezenas de milhões de pessoas não se cumpriu. Com seus telecursos diários, às seis horas da manhã, a poderosíssima Rede Globo não consegue atingir em todo o país, estimativamente, mais do que 4,5 milhões de pessoas — e uma parte considerável dessa audiência não é formada por estudantes televisivos, mas por telespectadores diplomados que aguardam o jornal *Bom dia, Brasil*, que entra no ar às sete horas.

A saída para a questão educacional no Brasil, consideram os professores, não passa pela exclusividade do uso dos recursos tecnológicos, mas pela forma como estes são utilizados e pelo esclarecimento que se presta à criança sobre seus efeitos e possibilidades. "Não me assusto com o computador", conta Sandra Fiorentini, 10 anos, aluna da quarta série do Colégio Objetivo, que mantém uma rede de mais de cem escolas em todo o Brasil, e um dos primeiros a introduzir a informática em seu currículo. "Quando ele está programado, parece mais inteligente do que eu, mas me sinto muito melhor que ele quando eu faço o programa".